

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CAMILA VIEIRA DE OLIVEIRA CUNHA

**TERAPIA OCUPACIONAL E TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

RIO DE JANEIRO
2017

CAMILA VIEIRA DE OLIVEIRA CUNHA

**TERAPIA OCUPACIONAL E TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro como pré-requisito para a obtenção do grau de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof. Dra. Vera Lucia Vieira de Souza

RIO DE JANEIRO
2017

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus e aos meus Amigos Espirituais por terem me guiado e orientado durante essa jornada.

Aos meus pais, Luiz e Doroti, por todo apoio, amor, dedicação e ajuda que sempre me deram, principalmente nas horas mais difíceis.

As minhas irmãs, Clara e Laís, por aguentarem meus momentos de estresse, desespero, sempre me apoiando e dando forças.

A todos meus familiares que estiveram perto durante essa jornada tão importante em minha vida.

A minha prima, Carolina, por sempre me incentivar e dar forças para seguir esse caminho.

As minhas amigas da Universidade, em especial Evelyn, Élide, Allyne, Daniela, Brunna e Tainá que estiveram ao meu lado dividindo momentos de construção de conhecimentos.

A todos da minha turma, 2013.2, que sempre estiveram presentes nos momentos de alegria e de tristeza, e agora chegamos juntos ao final dessa longa caminhada.

A minha orientadora por toda paciência e empenho que teve por mim nesse período tão difícil que é o TCC.

Aos anjos azuis que entraram em minha vida, me ensinando muito e fazendo me apaixonar por cada um.

A todos que, de alguma forma, participaram desse momento tão especial e importante para minha vida.

APRESENTAÇÃO

Alguns anos antes de entrar na faculdade comecei a ter contato com algumas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), na escola onde minha mãe era professora. Aquelas crianças me intrigavam e me encantei por cada uma delas. Posso dizer que foram elas que me fizeram cursar Terapia Ocupacional (TO), queria ajudá-las de alguma forma.

O interesse pelo TEA aumentou muito com a experiência vivida no estágio realizado no ambulatório do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – IPPMG/UFRJ pelo curso de Graduação em Terapia Ocupacional, no qual fiquei responsável pelo atendimento de três crianças com TEA. Neste estágio tive uma aproximação maior com a atuação da Terapia Ocupacional junto a essas crianças.

Com essa motivação, o presente trabalho, elaborado no formato de artigo, aborda o tema sobre a intervenção da TO junto a crianças e jovens com TEA.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo caracterizar a assistência da Terapia Ocupacional-TO junto a crianças e jovens com TEA, utilizando a pergunta norteadora: quais as formas de intervenção utilizadas pela TO no atendimento de crianças e jovens com TEA?. A metodologia usada foi a revisão bibliográfica na base de dados do Portal Capes e nos Periódicos Nacionais de Terapia Ocupacional, utilizando os descritores “Autismo”/“*Autism*”, “Transtorno Autístico”/“*Autistic spectrum disorders*” e “Terapia Ocupacional”/“*Occupational Therapy*”. Foram analisados sete artigos seguindo os critérios de inclusão: artigos em português e espanhol sobre intervenção da Terapia Ocupacional no tratamento de crianças e jovens com TEA. Sendo três artigos de revisão bibliográfica, dois estudos de casos, um estudo experimental terapêutico e um estudo transversal comparativo de caráter quantitativo. Nos resultados foi realizada uma síntese dos estudos analisados com as características relevantes quanto à intervenção da Terapia Ocupacional junto a crianças e jovens com TEA. As abordagens estudadas incluíram a Terapia de Integração Sensorial, a Equoterapia, Floortime, a inclusão escolar por meio da Consultoria Colaborativa e um programa de intervenção específico para desenvolver a habilidade de vestir. Discute-se o quantitativo pequeno de artigos identificados, com abordagens diversificadas, o que dificultou a comparação e análise de pontos positivos e negativos de cada uma. Conclui-se que são necessários mais estudos referentes a essa temática, com uso de metodologias que possibilitem a comparação entre os resultados para ampliar o conhecimento sobre a eficácia das intervenções na Terapia Ocupacional com crianças e jovens com TEA.

Palavras chaves: Terapia Ocupacional, Transtorno do Espectro Autista, autismo infantil, revisão bibliográfica

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

ACA	Análisis Conductual Aplicada
AIVD	Atividades instrumentais de vida diária
AOTA	Associação Americana de Terapia Ocupacional
AVD	Atividades de vida diária
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CID	Classificação Internacional de Doenças
DIR	Developmental, Individual Difference Relationship-Based
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
EDD	Enfoque de Desarrollo
MIF	Medida de Independência Funcional
PEDI	Inventário de Avaliação Pediátrica e de Incapacidade
Revisbrato	Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TECCH	Treatment and Education of Autistic and Related Communication- Handicapped Children
TGD	Transtornos globais do desenvolvimento
TID	Transtornos invasivos do desenvolvimento
TIS	Terapia de integração sensorial
TO	Terapia Ocupacional
TOG	Revista de Terapia Ocupacional Galicia
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	10
METODOLOGIA.....	10
RESULTADOS	12
DISCUSSÃO.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo médico austríaco Leo Kanner, que estudou um grupo de 11 crianças com idades entre 2 e 8 anos e denominou o transtorno de “distúrbio autístico de contato afetivo” (BRASIL, 2014). Segundo Teixeira (2016) essas crianças apresentavam algumas características em comum: desinteresse e inabilidade nas relações sociais, desenvolvimento peculiar da linguagem verbal utilizando muitas ecolalias, estereotípias e inversão pronominal.

Em 1944 um médico psiquiatra de Viena chamado Hans Asperger escreve o artigo “Psicopatia Autística na Infância” (BRASIL, 2015). Nesse artigo, Asperger descreve o quadro clínico de quatro crianças com idades entre 7 e 11 anos, todos do sexo masculino, e o denomina de Síndrome de Asperger (BRASIL, 2014).

O termo e a classificação do TEA sofreram modificações desde os anos 80 quando passou a ser reconhecido no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-III (TEIXEIRA, 2016). Em 1980, o Autismo deixou de fazer parte das psicoses infantis e passou a fazer parte dos “Transtornos Invasivos ou Global do Desenvolvimento” (TID ou TGD) no DSM-III. Além do autismo, a Síndrome de Asperger, o Transtorno Desintegrativo, a Síndrome de Rett e os quadros atípicos ou sem especificação faziam parte dos TIDs de acordo com a Classificação Internacional de Doenças - CID-10 datado de 1992 e com o DSM-IV, datado de 1994 (BRASIL, 2015; 2014). Já na versão traduzida do DMS-V, publicada em 2014, o Autismo passa a se chamar Transtorno do Espectro Autista (TEA) e se encontra dentro do grupo dos Transtornos do Neurodesenvolvimento. O TEA agrupa o “Autismo”, o Transtorno Desintegrativo da infância, a Síndrome de Asperger e os Transtornos Globais não especificados (BARRIOS FERNÁNDEZ, 2013).

O TEA tem início precoce, antes dos três anos de idade, sendo comum o aparecimento dos sintomas ainda no primeiro ano de vida, mas algumas crianças podem apresentar desenvolvimento normal até aproximadamente os dois anos de idade. Apresenta níveis de severidade diferentes e as pessoas com o transtorno podem apresentar manifestações clínicas distintas, surgindo assim o termo “espectro” (TEIXEIRA, 2016; GOLDSTEIN, 2006).

Sua etiologia específica ainda não foi identificada. Porém estudos relatam que o autismo seja decorrente de fatores orgânicos, genéticos e neurobiológicos (BRASIL, 2014; TEIXEIRA, 2016). De acordo com Teixeira (2016) existe uma alta concordância do transtorno em irmãos gêmeos homozigóticos (que apresentam a mesma carga genética).

Outra médica de grande importância na história do TEA foi a psiquiatra Lorna Wing que em 1981 publicou em um artigo que o autismo e a síndrome descrita por Asperger apresentavam a mesma tríade sintomática, conhecida como a tríade de Wing, estando relacionada ao prejuízo na socialização, na linguagem verbal e não verbal e comportamentos estereotipados (TEIXEIRA, 2016; BRASIL, 2015).

Levando em consideração que as crianças com TEA apresentam alterações em áreas ocupacionais, como atividades de vida diária e habilidades sociais, a Terapia Ocupacional é uma profissão muito importante para o tratamento dessas crianças (ALMOGUERA MARTÍNEZ, 2016).

Segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2015), a TO procura alcançar a saúde, o bem-estar e a participação na vida através das ocupações. As ocupações são utilizadas no tratamento buscando recuperar, manter e estabelecer as áreas de ocupação que estão com alguma alteração ou que ainda não foram desenvolvidas (ALMOGUERA MARTÍNEZ, 2016).

A terapia ocupacional busca reintegrar as pessoas nas suas ocupações e atividades diárias, sempre utilizando atividades/ocupações de acordo com as demandas, as habilidades, o contexto da pessoa (GOLDSTEIN, 2006; ALMOGUERA MARTÍNEZ, 2016).

As ocupações são as atividades diárias que as pessoas realizam, elas acontecem ao longo do tempo, possuem significados, propósitos e utilidades para aquela pessoa que a pratica. As atividades de vida diária (AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD), descanso e sono, educação, trabalho, brincar, lazer e participação social são as ocupações identificadas pela AOTA (2015).

A TO trabalha com diversos tipos de abordagens que definem o raciocínio clínico e as ações durante o tratamento (GOLDSTEIN, 2006). Dessa forma, essa revisão bibliográfica teve como objetivo conhecer e descrever as intervenções e as abordagens da Terapia Ocupacional junto à população infantil e juvenil com TEA, que vem sendo usada nos últimos 15 anos em publicações em português e espanhol.

A pergunta norteadora usada nesse trabalho foi: quais as formas de intervenção utilizadas pela TO no atendimento de crianças e jovens com TEA?

OBJETIVOS

GERAL:

O objetivo do presente trabalho é caracterizar a assistência da Terapia Ocupacional junto a crianças e jovens com TEA.

ESPECÍFICO:

- Identificar as abordagens mais utilizadas pela TO junto a clientela alvo.
- Descrever as características da população estudada.
- Verificar as atividades utilizadas pelos terapeutas ocupacionais nos atendimentos com crianças e jovens com TEA.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão bibliográfica em publicações nacionais e na língua espanhola, de artigos identificados nas bases de dados do Portal CAPES e nos periódicos nacionais de Terapia Ocupacional: Revista de Terapia Ocupacional da USP, Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR e Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (Revisbrato).

Foram pesquisados artigos publicados nos últimos quinze anos (2002-2017), utilizando a combinação dos descritores “Autismo” / ”*Autism*”, “Transtorno Autístico” / ”*Autistic spectrum disorders*” e “Terapia Ocupacional” / “*Occupational Therapy*”. Nos periódicos de TO foram utilizados somente os termos referentes ao autismo, não havendo necessidade de especificar os termos da TO.

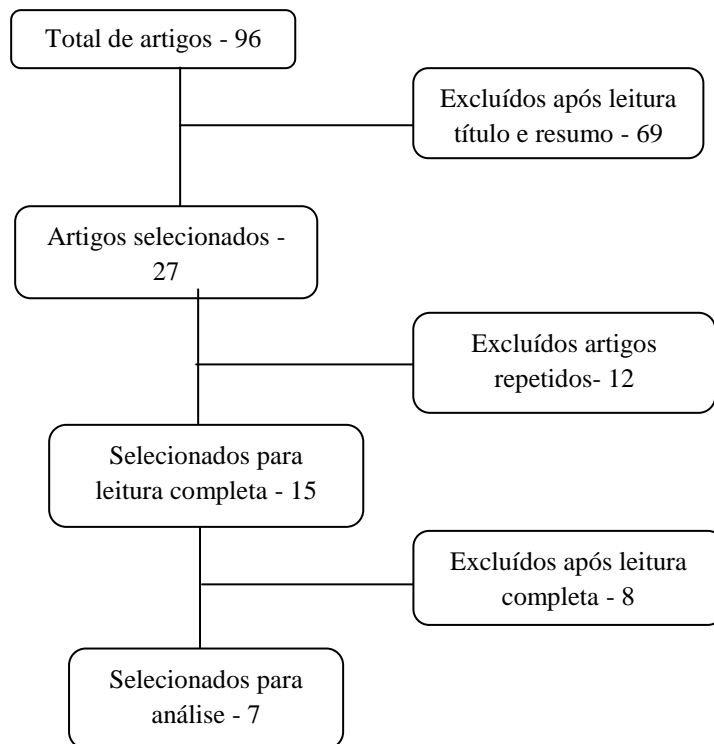
No total foram identificados 96 artigos, sendo 66 no Portal CAPES, 21 na Revista de Terapia Ocupacional da USP e 9 nos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR, conforme apresentado no Quadro 1. Após a leitura dos títulos e resumos, restaram 27 artigos, dos quais 12 eram repetidos, restando 15 artigos para leitura completa, conforme apresentado no Quadro 2. Dos 15 artigos, 7 foram selecionados para análise, seguindo os critérios de inclusão: artigos em português e espanhol sobre intervenção da Terapia Ocupacional no tratamento de crianças e jovens com TEA. Foram excluídos os artigos que abordavam a Terapia Ocupacional junto a outras populações, artigos relacionados somente a outras profissões, artigos que não citavam TEA nem Terapia Ocupacional e estudos realizados com familiares sem abordar intervenções.

Quadro 1 – Distribuição das palavras chaves e o número de artigos identificados e selecionados por local de pesquisa

Palavra chave	Portal Capes	Revista da USP	Cadernos da UFSCAR	Revisbrato	Total de artigos
Autismo e Terapia Ocupacional	36 artigos (7 selecionados)	14 artigos (4 selecionados)	6 artigos (3 selecionados)	Nenhum	56 artigos (14 selecionados)
Transtorno Autístico e Terapia Ocupacional	4 artigos (Nenhum selecionado)	1 artigo (Nenhum selecionado)	1 artigo (Nenhum selecionado)	Nenhum	6 artigos (Nenhum selecionado)
Occupational therapy e Autistic spectrum disorders	4 artigos (2 selecionados)	Nenhum	Nenhum	Nenhum	4 artigos (2 selecionados)
Occupational therapy e Autism	22 artigos (7 selecionados)	6 artigos (3 selecionados)	2 artigos (1 selecionado)	Nenhum	30 artigos (11 selecionados)
Total de artigos	66 artigos (16 selecionados)	21 artigos (7 selecionados)	9 artigos (4 selecionados)	0	96 artigos (27 selecionados)

Foram incluídos no trabalho três artigos de revisão bibliográfica, com análise de estudos no período de 1997 a 2016, devido a sua contribuição ao objetivo do presente estudo. A análise desses artigos foi feita e será apresentada separadamente.

Quadro 2 – Esquema do processo de seleção dos artigos pesquisados



RESULTADOS

Para apresentação dos resultados, segue-se uma síntese dos estudos analisados, de intervenção e de revisão, com as características relevantes quanto à intervenção da TO junto a crianças e jovens com TEA.

ESTUDOS DE INTERVENÇÃO

Desenvolvendo a sensibilidade sensorial tátil plantar em portadores de autismo infantil através do “tapete sensorial” – Estudo de Três Casos

Artigo publicado no ano 2005, no Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar, aborda a Terapia de Integração Sensorial (TIS) em três estudos de casos realizados na Associação de Amigos do Autista, em uma cidade do interior de São Paulo, com uma menina de quinze anos e dois meninos com sete e dezesseis anos.

A intervenção teve como objetivo desenvolver a sensibilidade tátil plantar por meio da estimulação somatosensorial, com uso sistemático de um tapete sensorial, confeccionado com os seguintes materiais: napa, espuma, areia grossa, lixa de madeira, pedras grandes arredondadas, pedras pequenas pontiagudas, pedrinhas de aquário, tampinhas de garrafa.

Como forma de avaliação foram coletados dados pessoais das crianças e registros da expressão facial frente a diferentes texturas a cada dia de atendimento. A intervenção foi realizada durante quatro meses, sendo dois encontros semanais de 30 minutos cada. Durante a sessão as crianças tinham que passar cinco vezes pelo tapete, indo da textura menos agressiva para a mais agressiva. Inicialmente não demonstravam qualquer reação. Após dois meses de intervenção, os autores observaram mudanças na reação frente às texturas diferentes: dois participantes pararam de passar pelas texturas mais agressivas após a terceira vez, já o outro participante demonstrou aversão às texturas agressivas, sem no entanto interromper a atividade. De acordo com as autoras ao realizarem a estimulação sensorial com o tapete sensorial ocorreu uma organização do processo neurológico, ao qual relacionaram com a TIS, que no entanto não se resume a estimulações táteis, proprioceptivas e vestibulares, conforme ressaltado pelos autores.

Contribuições da Terapia Ocupacional para a inclusão escolar de crianças com autismo

Artigo publicado no Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar no ano de 2013, relatou a experiência da atuação do terapeuta ocupacional por meio da consultoria

colaborativa em duas escolas de educação infantil na cidade de São Carlos – São Paulo, com um estudo de caso em um período de seis meses.

A intervenção com base na consultoria colaborativa buscou formar uma parceria da saúde, da educação e da família, para promover a inclusão escolar de duas crianças diagnosticadas com TEA, uma do sexo masculino com 5 anos e uma do sexo feminino com 3 anos de idade. As estratégias usadas foram pistas visuais para organizar a rotina da criança e facilitar a compreensão das atividades; reforço dos pontos positivos e conquistas para potencializar e incentivar o trabalho realizado; busca de independência e autonomia utilizando o menor apoio nas atividades diárias escolares; modificação do planejamento e currículo escolar para promover maior independência; saída da cuidadora da sala de aula quando a criança estivesse envolvida em alguma atividade; reconhecimento de um ônibus e controle do momento de saída da criança evitando sua desorganização devido ao som. Foram ainda realizadas adaptação do material escolar e treino do uso de tesoura adaptada; e diálogos entre os profissionais para que compreendessem seus medos e limites;

Os autores concluíram que as ações realizadas levaram a resultados positivos para o aprendizado e o desenvolvimento dos participantes como apropriação da rotina, participação ativa nas atividades, melhor desempenho na utilização do material escolar, maior independência na rotina e no autocuidado, ampliação do círculo de relações. Além da efetivação da inclusão escolar, onde os alunos e profissionais da escola acolheram, respeitaram e participaram da construção, efetivação e implementação da proposta de inclusão.

Efeito da equoterapia no desempenho funcional de crianças e adolescentes com autismo

Trata-se de estudo transversal comparativo, de caráter quantitativo, de grupo controle. Os dois grupos eram formados por quatorze crianças e adolescentes cada, sendo treze meninos e uma menina em cada grupo, com idades entre três e quinze anos, divididas entre praticantes de equoterapia e não praticantes, para identificar o efeito da equoterapia no desempenho funcional. O estudo realizado no Rio Grande do Sul, no período de março a maio de 2014, foi publicado em 2016 na Revista de Terapia Ocupacional da USP.

Os autores utilizaram como instrumentos um questionário socioeconômico, o Inventário de Avaliação Pediátrica e de Incapacidade (PEDI) e a Medida de Independência Funcional (MIF). De acordo com o teste estatístico utilizado, Mann-Whitney, o grupo de crianças com idade até 7 anos e 6 meses que praticavam a equoterapia apresentaram diferenças significativas nas áreas de autocuidado e de mobilidade avaliadas pelo PEDI, já

que a criança participava de atividades como alimentar o cavalo, dar banho e penteá-lo, estimulando assim a aquisição de habilidades para realizar as atividades de autocuidado. Já o grupo com idade superior a 7 anos e 6 meses avaliados pela MIF não apresentou diferença significativa no teste Mann-Whitney, fato que pode ser atribuído, segundo os autores, ou por um possível diagnóstico tardio impossibilitando assim que essas crianças pudessem receber o tratamento necessário, ou que quanto maior a idade mais homogênea as crianças dos grupos, ou ainda que a MIF não fosse a melhor avaliação para captar alterações na função de crianças com TEA.

**Programa para mejorar la autonomia em vestido, dirigido a niños com autismo –
Programa para melhorar a autonomia no vestir, dirigido a crianças com autismo**

Estudo experimental terapêutico realizado com crianças e jovens com TEA com idades entre três e doze anos, divididos em dois grupos: frequentadores de turmas regulares e especiais de uma escola pública. Foi publicado na Revista de Terapia Ocupacional Galicia - TOG no ano de 2015. O estudo foi realizado durante um mês, em 2014, com 11 sessões de 20 minutos com cada participante. As habilidades das crianças e jovens na atividade do vestir foram registradas em formulário não padronizado. A intervenção utilizou uma junção de três abordagens ACA (Análisis Conductual Aplicado), EDD (Enfoque de Desarrollo) e TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication-Handicapped Children), além do Modelo de Ocupação Humana como base, para elaboração de um programa aplicado no contexto escolar. O grupo controle, de turma regular, foi constituído por três crianças com idade entre 3 e 10 anos enquanto o grupo experimental foi formado por cinco crianças, de 5 a 12 anos, frequentando turma especial para autismo. Foram trabalhadas diversas atividades como reconhecimento do esquema corporal, amarrar os cadarços e colocar casaco com apoio visual de pictogramas e sessão de relaxamento antes das atividades, para acalmar as crianças que voltavam agitadas do almoço. Ao final do estudo, no grupo experimental observaram-se melhoras nas habilidades e destrezas na atividade do vestir, aumento de autonomia e independência. No grupo controle, embora já mostrassem maiores habilidades, destrezas e integração na classe regular, não apresentaram mudanças na sua autonomia no vestir no período estudado.

Concluindo assim que é necessário incluir a TO na escola como parte da equipe interdisciplinar; implementar programas específicos que permitam desenvolver, reaprender, manter, compensar e/ou substituir destrezas e/ou habilidades para alcançar o máximo de autonomia nas atividades diárias. Além de mostrar a importância dos pais se implicarem no

tratamento dos filhos, dando continuidade as atividades em casa já que são as pessoas mais influentes, buscando assim um melhor resultado no tratamento.

ESTUDOS DE REVISÃO

Abordagem Floortime no tratamento da criança autista: possibilidades de uso pelo terapeuta ocupacional

Publicado no ano de 2014 no Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar, o artigo relatou a revisão de estudos sobre a abordagem Floortime, no período de 1995 a 2010. Cinco dos seis artigos analisados envolveram um total de 231 participantes. O objetivo da revisão foi descrever os aspectos básicos do Floortime a partir de estudos com eficácia comprovada e apontar as possibilidades de uso pelos terapeutas ocupacionais.

A abordagem Floortime, criada por Greenspan nos anos 1990, é a principal abordagem do modelo DIR (Developmental, Individual Difference Relationship-Based). Essa abordagem pode ser utilizada por terapeutas ocupacionais em seus atendimentos, porém familiares capacitados também podem realizá-la, isso por causa do grande tempo que passam junto à criança. Seu principal recurso é o brincar no chão buscando que a criança tome iniciativa. Podem ser realizadas oito ou mais sessões por dia, com no máximo 20 minutos de duração cada.

De acordo com os autores, o Floortime e a Terapia Ocupacional apresentam alguns pontos em comum entre eles: o reconhecimento do brincar como alicerce do desenvolvimento infantil; a parceria realizada com a família é muito valorizada durante o tratamento; e a estimulação da autonomia das crianças. O que faz acreditar que essa abordagem sendo utilizada por terapeutas ocupacionais pode ser de grande valia no atendimento dessas crianças.

Segundo a pesquisa realizada foram apontados vários pontos positivos na utilização do Floortime com crianças com TEA entre eles a melhora na autonomia, nas relações sociais, evolução no brincar, além da evolução no desenvolvimento.

Terapia de integración sensorial em niños com transtorno de espectro autista – Terapia de Integração Sensorial em crianças com transtorno do espectro autista

Artigo publicado no ano de 2014 na Revista de Terapia Ocupacional Galicia - TOG, para descrever a literatura relacionada com a intervenção de integração sensorial com crianças autistas, analisando o período de 1997 a 2013. Identificou quatro estudos totalizando 75 participantes.

A TIS busca uma adequada interpretação e organização da informação sensorial que é enviada para o sistema nervoso central.

De acordo com os artigos analisados, a TIS promoveu mudanças positivas nas crianças com TEA aumentando a comunicação social, melhorando o contato visual e a atenção e comportamentos inadequados, melhorando assim o comportamento social e diminuindo as estereotípias. Porém os resultados apresentados nas pesquisas ainda eram desiguais, e apresentavam uma heterogeneidade, devido a limitações metodológicas, falta de rigor no design da intervenção sensorial criada por Ayres e por não conter uma amostra homogênea envolvendo crianças com problemas mais graves que outros.

Revisión de la práctica profesional de Terapia Ocupacional em autismo – Revisão da prática profissional de Terapia Ocupacional em autismo

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica entre os anos de 2010 e 2016 para revisar a literatura sobre as intervenções de Terapia Ocupacional com crianças com TEA, sendo selecionados dezesseis artigos em inglês e espanhol. O artigo foi publicado no ano de 2016 na Revista de Terapia Ocupacional Galicia - TOG.

Os artigos foram pesquisados em seis bases de dados (Pubmed, OTseeker, Scencedirect, Clinical trials, Research autism e Dialnet unirloja), utilizando as palavras chaves Occupational therapy, Autism, Preschooler, early intervention, Sensory integration, Methods, Daily life activities.

Dos dezesseis artigos selecionados, dez falavam sobre a TIS, sendo nove na língua inglesa. De acordo com as autoras, as práticas da TO mais aplicadas no tratamento de crianças com TEA eram a integração sensorial, o modelo de ocupação humana e a intervenção contextual.

DISCUSSÃO

Os sete artigos analisados no presente estudo foram publicados entre os anos de 2005 e 2016, sendo um de 2005 e os demais de 2013 a 2016, apontando um aumento de interesse nos últimos anos.

O TEA representa um grande problema de saúde pública sendo necessário desenvolver estratégias e projetos na área da saúde e da educação para incluir as crianças com o transtorno (TEIXEIRA, 2016).

Em 2006 o Center for Disease Control and Prevention, órgão governamental dos Estados Unidos publicou os resultados de uma pesquisa na qual o número de casos de autismo foi considerado alarmante, sendo um para cada cento e dez (1:110) crianças americanas. Já em 2014 esse mesmo órgão publicou outro grande estudo indicando que uma a cada sessenta e oito (1:68) crianças americanas possuíam o transtorno (TEIXEIRA, 2016; JUNIOR, 2010).

Mesmo sendo alvo de diversas hipóteses, o TEA ainda é um assunto misterioso principalmente sobre sua evolução (SERRA, 2017). De acordo com Schwartzman (2010) estudos recentes de diversos lugares do mundo apresentaram um crescimento no número de diagnósticos de TGD, tendo sido considerada as hipóteses de que estaria ocorrendo uma epidemia de autismo. Porém é mais provável que esse aumento tenha ocorrido devido o maior reconhecimento do transtorno e a maior abrangência dos conceitos de TGD.

Dos sete trabalhos analisados, três referiram-se a revisões bibliográficas, dois foram estudos de casos, um estudo experimental terapêutico e um estudo transversal comparativo com grupo controle de caráter quantitativo.

Embora o quantitativo tenha sido muito pequeno, houve predominância das publicações em português nos estudos de intervenção e do espanhol nos estudo de revisão. O espanhol foi escolhido como um dos idiomas por ser mais próximo do português, facilitando assim a compreensão dos conteúdos e tornando-se mais uma fonte de busca para os profissionais.

Os quatro artigos de intervenção, foram publicados em espanhol na Revista de Terapia Ocupacional Galicia - TOG (1), e em português (3), publicados nos periódicos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar e na Revista de Terapia Ocupacional da USP.

Apenas três estudos de intervenção identificaram o local onde foram realizados, no Estado de São Paulo (SP) e do Rio Grande do Sul (RS), por profissionais de universidades e de associações não governamentais.

Desses quatro artigos, apenas três especificaram o gênero dos participantes, apresentando um maior quantitativo de casos no sexo masculino, o que condiz com a literatura que aponta a maior incidência de TEA no sexo masculino com uma prevalência de quatro meninos para cada menina (TEIXEIRA, 2016; SCHWARTZMAN, 2010).

Os tipos de intervenção e abordagens presentes nos estudos foram bem variados, não sendo possível fazer comparações. Três estudos utilizaram uma abordagem de forma isolada, a TIS, a equoterapia e consultoria colaborativa em escolas. O artigo de intervenção na habilidade de vestir utilizou uma combinação das abordagens, não destacando a influência de cada uma no programa implementado.

A TIS busca fazer com que a criança interaja com as informações sensoriais do ambiente. A Integração Sensorial é um processo do sistema nervoso central que processa e interpreta as informações trazidas pelos sentidos, ela organiza as sensações do nosso corpo e do ambiente para o uso. As crianças com TEA apresentam dificuldades em processar e interpretar os estímulos sensoriais do ambiente por causa de uma falha que ocorre no processo de registrar, modular e integrar esses estímulos, com isso a TIS pode vir a ajudar no tratamento dessas crianças (TEIXEIRA, 2016; GOLDSTEIN, 2006).

Na TIS realizam-se diversos exercícios que desenvolvem a atenção, concentração, compreensão, equilíbrio, coordenação e o controle da impulsividade nas crianças. Utilizando atividades corporais para fornecer os estímulos sensoriais através de vários equipamentos como balanço e salto (PEREIRA et al., 2015). No artigo de Antunes e Vincentini (2005) que foi analisado nesse estudo, utilizou-se o tapete sensorial como equipamento.

Outra abordagem utilizada com as crianças com TEA foi a equoterapia, justificado pelos autores Cavalcante e Calil (2007) pela utilização do cavalo como facilitador no processo de reabilitação de forma crescente nos últimos anos, considerando-o um instrumento cinesioterapêutico, pois ao andar, o cavalo transmite ao cavaleiro vários movimentos sequenciados e simultâneos resultando no movimento tridimensional. Esse movimento é a principal porta de entrada sensorial, fornecendo diversos tipos de informações sensoriais como proprioceptivas e tátil a partir do cavalo e de seu movimento; vestibulares com equilíbrio necessário para andar no cavalo; visual pois quando está montado no cavalo a criança consegue ter uma visão ampla do espaço e dos objetos, passando a observar tudo ao seu redor; auditiva com o som das batidas dos cascos em diferente pisos; olfativa por causa do próprio cavalo e do ambiente; e gustativa por causa do local que tem diversas frutas que podem ser consumidas pela criança.

Pereira et al. (2015), destacaram os benefícios que a criança com TEA tem com a equoterapia, entre eles o sentimento de empatia e afetividade despertado em relação ao cavalo. Os autores enfatizam que ao realizar uma atividade física, lúdica e divertida a criança apresenta um sentimento de prazer provocando mudanças biológicas e favorecendo o armazenamento de informações que resultam no aprendizado.

Cavalcante e Calil (2007) destacaram os benefícios que a equoterapia teve nas AVD dessas crianças, que ao realizarem atividades de cuidado com animal, como alimentá-lo, desenvolveram competência e capacidade para realizarem suas AVDs. A mesma influência foi mencionada por Bender e Guarany (2016) que obtiveram resultados significativos na área de autocuidado ao aplicarem o PEDI em as crianças que realizavam equoterapia, sugerindo

assim que essa abordagem apresentou resultados positivos quanto à realização das AVDs por crianças com TEA. Ressalta-se que ao cuidar de animais, a pessoa realiza uma AIVD, definida pela AOTA (2015) como “atividades de apoio à vida diária dentro de casa e na comunidade, que muitas vezes necessitam de interações mais complexas do que as utilizadas nas AVD”.

A consultoria colaborativa é um processo no qual um consultor treinado, que pode ser um terapeuta ocupacional, trabalha de forma igualitária com a equipe escolar e os pais, para juntos tomarem decisões e realizarem a implementação de ações dentro do interesse educacional, buscando melhorias na qualidade da atenção dada às crianças com transtornos do desenvolvimento (KAMPWIRTH, 2003¹ apud TREVISAN; DELLA BARBA, 2012; DELLA BARBA; MINATEL, 2013). O terapeuta ocupacional no âmbito escolar busca sensibilizar e capacitar a escola, a família e a comunidade quanto à inclusão escolar além de propor dispositivos que possibilitem uma inclusão escolar real, ele organiza a adaptação do material e do mobiliário, recursos de tecnologia assistiva e aplicação de estratégia buscando flexibilizar o currículo (DELLA BARBA; MINATEL, 2013; MUNGUBA, 2007).

Já a intervenção na habilidade de vestir mostra um estudo em uma das áreas de intervenção da TO buscando desenvolver uma maior autonomia e independência. A TO utiliza as ocupações e atividades para melhorar ou manter a condição de saúde de uma pessoa (SILVA, 2007). De acordo com a AOTA (2015) a atividade do vestir está incluída na AVD, umas das áreas de ocupação, domínio do terapeuta ocupacional.

O termo ocupação e atividade vêm sendo utilizados com o mesmo significado em algumas publicações e no nosso dia a dia. No documento Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo. 3ª ed, a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2015) refere o termo ocupação às atividades diárias que realizamos. Porém no capítulo referente a análise de atividade (SILVA, 2007) no livro Terapia Ocupacional: fundamentação e prática (CAVALCANTI; GALVÃO, 2007), os termos ocupação e atividade são apresentados separadamente. Ocupação seriam as coisas rotineiras que realizamos, envolvendo habilidades mentais, dimensão física, com significado pessoal, apresentando contexto temporal, psíquico, social, simbólico, cultural, étnico e/ou espiritual. O termo ocupação se dá quando queremos envolver todo esforço produtivo humano, como por exemplo, na classificação da profissão como ocupacional, onde ela não é só desempenhada, ela também é vivida. Já a atividade é descrita como parte das ocupações, elas são utilizadas

¹ REFERENCIA CITADA COMO APUD - KAMPWIRTH, T. J. *Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems*. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2003.

para avaliar, facilitar, restaurar ou manter as habilidades da pessoa para realizarem as suas ocupações. Salles e Matsukura (2016) assinalam que na literatura nacional utiliza-se o termo atividade para se referir a um fazer significativo para a pessoa, já na literatura internacional utiliza-se o termo ocupação.

Além do aumento da autonomia e da independência, as propostas das intervenções analisadas relacionaram-se a habilidades bem específicas (desenvolver a sensibilidade plantar), mas também a objetivos abrangentes como o desenvolvimento biopsicossocial e a inclusão escolar.

O terapeuta ocupacional pode fazer uso de uma grande variedade de atividades nas suas intervenções. Nos estudos analisados foram usadas: o andar pelo tapete sensorial; treino para o uso do material escolar; tarefas relacionadas à atividade de vestir e cuidar de animais.

Quanto aos instrumentos utilizados nos estudos para coleta dos dados, foram identificados avaliações padronizadas e formulários próprios. No entanto, nenhum era específico de um tipo de abordagem ou intervenção.

Os resultados obtidos nos artigos analisados foram diversos, como: melhora na percepção de diferentes texturas; apropriação da rotina; participação ativa nas atividades, melhor desempenho na utilização do material escolar; maior independência na rotina e no autocuidado; ampliação do círculo de relações; efetivação da inclusão escolar; melhora na área de mobilidade; melhora nas habilidades e destrezas na atividade do vestir; aumento de autonomia e independência. Não sendo possível fazer uma conexão entre eles.

Sobre os artigos de revisão bibliográfica podemos destacar que: abrangeram os períodos de 1997 a 2016, com análise de artigos em inglês, espanhol e português, com pesquisas sobre a TIS, o Modelo de Ocupação Humana, a intervenção contextual e o Floortime, publicados na Revista de Terapia Ocupacional Galicia - TOG e no Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar.

Ortiz Huerta (2014) ressaltou o prejuízo nas AVD das crianças e sua repercussão no comportamento desadaptado gerando um isolamento social, e a contribuição da TIS como abordagem junto a crianças com TEA, apresentando resultados positivos sobre o problema social que essas crianças apresentam. Apesar dos resultados heterogêneos nas pesquisas analisadas, o autor reforça a eficácia da TIS no tratamento de crianças com TEA, embora haja necessidade de novas pesquisas que não só evidenciam os benefícios da TIS nos diferentes grupos suscetíveis ao tratamento, mas também a relação entre tratamentos.

Outra abordagem estudada, o Floortime, apresentou eficácia comprovada por diversas pesquisas, segundo o estudo realizado por Ribeiro e Cardoso (2014). De acordo com o estudo,

as crianças com TEA apresentavam diversos comportamentos deficitários entre eles a dificuldade de linguagem, a dificuldade nas habilidades emocionais, cognitivas, motoras e sensoriais, o que é diretamente evidenciado no brincar. Essas crianças apresentavam dificuldades em explorar o brinquedo, em dar função a eles, dificuldade em ter pensamento abstrato-simbólico, em compartilhar os brinquedos, apresentando assim um brincar pobre e estereotipado. Com essa ideia, os autores enfatizam que o Floortime utiliza como principal recurso o brincar, buscando encorajar a iniciativa da criança e o comportamento intencional, apresentando resultados positivos quanto a evoluções na socialização, na linguagem, melhora nas interações com as outras pessoas e no desenvolvimento. De acordo com Teixeira (2016), “o Floortime foca em estimular o desenvolvimento emocional e relacional da criança”.

A pesquisa de Martínez Muñoz e Arroyo Noriega (2016) apresentou algumas limitações quanto à dificuldade no acesso de algumas bases de dados, dificuldade de acessar de forma gratuita os artigos e textos completos e a utilização das palavras chaves “occupational therapy” e “autism”. Observaram que nem todos os estudos especificavam os modelos de intervenção e entre os que mencionavam houve predomínio do uso da TIS pelos terapeutas ocupacionais. A pesquisa foi realizada nos idiomas inglês e espanhol, com identificação de quatorze artigos em inglês e apenas dois em espanhol. Reforçando a importância do conhecimento da língua inglesa para o acesso aos artigos sobre TIS, porque dos dez artigos sobre o tema nove eram em inglês e apenas um em espanhol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou caracterizar a assistência da TO junto a crianças e jovens com TEA, buscando identificar quais as formas de intervenção usadas. Com os artigos analisados observou-se que o TEA traz grandes impactos para a vida das crianças com esse transtorno, porém esses impactos podem ser minimizados com a realização de tratamentos específicos. Entre eles a Terapia Ocupacional, que através de diversas abordagens utiliza as melhores opções de intervenção buscando promover o máximo de autonomia e independência para essas crianças.

Os objetivos do estudo foram alcançados, porém de acordo com essa pesquisa pudemos verificar que o terapeuta ocupacional utiliza uma grande variedade de abordagens e intervenções, como a TIS, a equoterapia, a inclusão escolar por meio da consultoria colaborativa, o Floortime e intervenções em atividades específicas das AVDs. Mas ainda são necessários estudos de intervenção nesta área, pois com o pequeno número de artigos

analisados não foi possível realizar uma comparação entre as abordagens, seus efeitos e os pontos positivos e negativos de cada uma.

Ressaltando-se ainda a importância quanto ao uso de metodologias que possibilitem a comparação entre os resultados para ampliar o conhecimento sobre a eficácia das intervenções na terapia ocupacional com crianças e jovens com TEA.

REFERÊNCIAS

ALMOGUERA MARTÍNEZ, M.A. Efectividad de la terapia ocupacional em niños com autismo. **Revista de Terapia Ocupacional Galicia –TOG**, v.13, n.23, Mai. 2016.

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION – AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: Domínio & processo. 3ª ed. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, V.26, Ed. Especial, 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. APA. **DSM-5** - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTUNES, E.S.C.F; VICENTINI, C,R. Desenvolvendo a sensibilidade sensorial tátil plantar em portadores de autismo infantil através do “tapete sensorial” – estudo de três casos. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v.13, n.1, p. 47-52, 2005.

BARRIOS FERNÁNDEZ, S. “Ayúdame a comprender el mundo” Apoyos visuales para la promoción de la autonomía em personas com transtornos Del espectro Del autismo y transtornos específicos del lenguaje. **Revista de Terapia Ocupacional Galicia –TOG**, v.10, Supl.8, p. 92-104, 2013.

BENDER, D.D; GUARANY, N.R. Efeito da equoterapia no desempenho funcional de crianças e adolescentes com autismo. **Reveja de Terapia Ocupacional da Univ. São Paulo**, v.27, n.3, p. 271-277, set/dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha do Cuidado para a atenção às pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

CAVALCANTI, V.A.S; CALIL, F.C. Equoterapia. *In*: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 493-501.

DELLA BARBA, P.C.S; MINATEL, M.M. Contribuições da Terapia Ocupacional para a inclusão escolar de crianças com autismo. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v.21, n.3, p. 601-608, 2013.

GOLDSTEIN, Ariela. **O Autismo sob o olhar da Terapia Ocupacional**. . Minas Gerais, 2006.

JÚNIOR, P. Número impressionante: uma em cada 110 crianças tem autismo. **Revista Autismo**, n.0, Set. 2010.

MARTÍNEZ MUÑOZ, A.I.; ARROYO NORIEGA, M. Revisión de la práctica profesional de terapia ocupacional em autismo. **Revista de Terapia Ocupacional Galicia –TOG**, v.13, n.24, Nov. 2016.

MUNGUBA, M.C. Inclusão Escolar. *In*: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 519-525.

ORTIZ HUERTA, D.J.H. Terapia de integración sensorial em niños com trastorno de espectro autista. **Revista de Terapia Ocupacional Galicia -TOG**, v.11, n.19, mai. 2014.

PEREIRA, A.C.S. et al. Transtorno do Espectro Autista (TEA): definição, características e atendimento educacional. **Educação**, Batatais, v.5, n.2, p.191-212, 2015.

RIBEIRO, L.C; CARDOSO, A,A. Abordagem Floortime no tratamento da criança autista: possibilidades de uso pelo terapeuta ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v.22, n.2, p. 399-408, 2014.

SALLES, M.M; MATSUKURA, T.S. O uso dos conceitos de ocupação e atividade na Terapia Ocupacional: uma revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 24, n. 4, p. 801-810, 2016.

SCHWARTZMAN, J.S. Autismo e outros transtornos do espectro autista. **Revista Autismo**, n.0, Set. 2010.

SERRA, S.C. **Autismo: novas reflexões**. 1.ed. São Paulo: Zagodoni, 2017

SILVA, S.N.P. Análise de Atividade. *In*: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 110-124.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2016.

TREVISAN, J.G; DELLA BARBA, P.C.S. Reflexões acerca da atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 20, n. 1, p. 89-94, 2012.

VIDAL GALLARDO, G. Programa para mejorar la autonomia em vestido, dirigido a niños com autismo. **Revista de Terapia Ocupacional Galicia –TOG**, v.12, supl.10, p. 137-150, 2015.